

## A ressignificação do consumo do chimarrão entre a população teuto-brasileira

*The resignification of chimarrão consumption among the German-Brazilian population*

Fernando Diehl<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste ensaio analisamos a assimilação de costumes do *tradicionalismo gaúcho* nas colônias teuto-brasileiras, tendo como foco o consumo do chimarrão. Elemento este que veio a ser incorporado como um símbolo da identidade teuto-brasileira gaúcha após a *Segunda Guerra Mundial*. Para isso, abordamos acerca da ideia de identidade étnica e a questão geracional acerca do consumo da erva-mate nas colônias alemãs no Rio Grande do Sul. O chimarrão foi gradativamente se tornando uma prática corriqueira e elemento essencial nos espaços de sociabilidade convertendo-se em um símbolo de pertencimento e reconhecimento de sua identidade imigrante, mesmo sendo um produto de origem indígena. Como metodologia utilizamos entrevistas semiestruturadas e história oral.

**Palavras-chave:** Etnicidade. Teuto-brasileiros. Chimarrão. Tradicionalismo Gaúcho. Gerações.

**Abstract:** In this essay we aim to analyze the assimilation of customs from “gaucho traditionalism” in the German-Brazilian colonies in South Brazil, focusing on the consumption of chimarrão (*yerba mate*). That was an element that became more recurrent and was incorporated as a symbol of the Gaucho German-Brazilian identity after The Second World War. For this, we approach about the concept of ethnic identity and generational issue, then we debate about the consumption of yerba mate in the German colonies in Rio Grande do Sul. Chimarrão (*yerba mate*) gradually became a common practice and an essential element in sociability spaces. Converting itself into a symbol of belonging and recognition of their immigrant identity, even though it is a product of indigenous origin. As methodology, we used semi-structured interviews and oral story.

**Keywords:** Ethnicity. German-Brazilians. Mate. Gaucho traditionalism. Generations.

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. ORCID: [0000-0001-5512-9467](https://orcid.org/0000-0001-5512-9467). E-mail: [fernandodiehl89@gmail.com](mailto:fernandodiehl89@gmail.com).



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

Neste ensaio analisamos a assimilação de costumes do assim chamado *tradicionalismo gaúcho* nas colônias teuto-brasileiras, tendo como foco o consumo do chimarrão. Elemento este que veio a ser assimilado como um símbolo da identidade teuto-brasileira gaúcha após a *Segunda Guerra Mundial*. Para isso, buscamos verificar em entrevistas semiestruturadas e história oral com teuto-brasileiros idosos a sua memória acerca das sociabilidades cotidianas e o consumo do chimarrão na “roda de chimarrão” em suas infâncias e fase adulta.

Inicialmente deve-se compreender que há várias formas de memória (Giesen & Junge, 2003) e o que esta quer representar, seja para os pesquisadores, seja para com os grupos que visam manter tal memória. Neste ensaio, memória é referida especificamente à memória cultural, pois sua característica possui um horizonte temporal (Assmann & Czaplicka, 1995), para além do cotidiano dos indivíduos de um grupo étnico, mas que reflete na ação normativa da vida cotidiana dos indivíduos deste grupo étnico (Seyferth, 2012; 2004). A memória cultural, portanto, segundo Assmann e Czaplicka (1995), é constituída em quatro fases: 1) concretização da identidade, este é o momento em que se “constitui” a identidade do grupo; 2) reconstrução do passado, o ato de elaboração de uma gênese do grupo, isto é, buscar identificar um evento ou um sentimento em comum que caracterize o fenômeno originário do grupo; 3) e que faz com que os indivíduos deste grupo se sintam pertencer a um coletivo; 4) por fim, a formação e organização do grupo. É importante salientar que essa memória cultural do grupo étnico é formalizada e constituindo-se em artefatos culturais – tais como manuscritos, objetos materiais ou imateriais – que remontam ideias do que é pertencer a este grupo étnico. Neste sentido, compreende-se que a memória cultural é fruto de um longo processo de preservação de costumes, tradições e, portanto, de dinâmicas sociais que só podem ser compreendidas à luz da história.

Michael Pollak (1992) apresenta a existência de um problema acerca da ligação entre memória e identidade social, no que tange às histórias de vida dos indivíduos ou, mais especificamente, aquilo que nomeamos como o método de pesquisa de história oral. Pollak desenvolve a ideia de que o trabalho analítico de enquadramento da



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

memória pode ser analisado como um investimento. Deste modo podemos afirmar que uma história social seria a análise desse enquadramento da memória. Tal análise também poderia ser feita em contextos de organizações políticas, sindicais, igrejas, isto é, em tudo aquilo que leva os grupos a constituírem o social. Neste sentido,

Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é. Para mim não há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral. A crítica da fonte, tal como todo historiador aprende a fazer, deve, a meu ver, ser aplicada a fontes de tudo quanto é tipo. Desse ponto de vista, a fonte oral é exatamente comparável à fonte escrita. Nem a fonte escrita pode ser tomada tal e qual ela se apresenta. O trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte. É evidente que a construção que fazemos do passado, inclusive a construção mais positivista, é sempre tributária da intermediação do documento. Na medida em que essa intermediação é inescapável, todo o trabalho do historiador já se apoia numa primeira reconstrução. Penso que não podemos mais permanecer, do ponto de vista epistemológico, presos a uma ingenuidade positivista primária. Não acredito que hoje em dia haja muita gente que defenda essa posição (Pollak, 1992, p. 8).

De fato, devemos tratar qualquer documento histórico – seja ele escrito ou oral – como fonte de dados a serem coletados/analísados. Portanto, tanto a fonte oral como os documentos devem ser usados pelo pesquisador, cabendo mensurar qual melhor fonte utilizar conforme o problema que o mesmo está tentando compreender. Por conseguinte, a escolha da história oral para este ensaio foi utilizada por ser uma ferramenta para a coleta de dados e registro de informação sobre o consumo de um bem imaterial que veio a se tornar um elemento de representação da identidade regionalista sul-rio-grandense. Desta forma, a memória é um instrumento utilizado para a constituição das identidades dos grupos assim como a organização da narrativa da existência de um passado em comum, passado este que constitui a origem do grupo.

Para desenvolver este ensaio, partimos da análise do conceito de identidade – ou etnicidade – dos grupos étnicos, utilizamos como pressuposto inicial a ideia proposta por Max Weber ao analisar os imigrantes alemães nos Estados Unidos. Para Weber (2009), grupos étnicos são indivíduos que alegam possuir uma mesma origem em comum, manifestada nos costumes do grupo. Este possui a crença na existência de que a comunidade é fundada nessa origem em comum, cujos símbolos são externalizados em tradições, costumes e lembranças da imigração e colonização. Assim sendo, deve-se



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

compreender que, o grupo étnico é uma construção social cuja existência é sempre problemática, ela encontra-se constantemente em ressignificação, não é algo estático e fixo no tempo e espaço. Conseqüentemente, símbolos que em um determinado contexto são constituídos como características que os indivíduos consideram como essenciais para a atribuição de pertencer ao grupo étnico, em outro contexto podem perder essa valoração simbólica, inclusive nem sendo considerados como elementos que constituem o cerne do que é pertencer ao grupo. Portanto, há dentro dos grupos étnicos articulações e estratégias entre os indivíduos destes grupos que desempenham um papel importante no fomento de atribuição valorativa dos símbolos de pertencimento, pois conotam junto ao grupo étnico a compreensão de que eles compartilham um código em comum que regulamenta as suas vidas. Este código de pertencimento é ensinado na memória dos grupos, e pode vir a ser apresentado em objetos materiais e imateriais que ressignificam o passado imigrante, e isto constitui uma memória. É importante salientar que esta memória é transmitida entre gerações, conseqüentemente, abordaremos agora o conceito de geração para a posterior análise do fenômeno.

Karl Mannheim (1982) apresenta o problema sociológico das gerações. Para este autor, organizações com objetivos específicos – como a família, a tribo, a seita – são exemplos de grupos concretos que exercem influência sobre os indivíduos que estão inseridos em tais grupos. Forma-se assim uma sociação de modo concreto. Por sociação nos referimos ao conceito elaborado por Georg Simmel (2006, p. 60), na qual

Tudo o que existe nos indivíduos e nos lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo o que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros.

Isto significa, que estas organizações estão baseadas em laços existenciais e vitais de “proximidade”, constituindo vínculos sociais. Todos os grupos comunitários, tais como a família e a tribo, estão inseridos em uma primeira classificação, o de proximidade; enquanto que a última, as seitas, incluem os grupos associativos. Cabe salientar que a geração não é um grupo concreto, no sentido de uma comunidade, como a família e a tribo. Mannheim (1982) apresenta a ideia de que o problema sociológico



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

das gerações, começa no ponto onde é descoberta a relevância sociológica dos fatores biológicos, ou seja, o autor exemplifica que se não morrêssemos, não existiria a diferenciação de gerações, além disso, as mudanças estruturais históricas seriam muito mais demoradas para ocorrer, caso ocorressem, possivelmente tornando assim a sociedade muito mais estática e de pouquíssima mobilidade social. Neste sentido, Mannheim considera que é necessário compreender a geração como um tipo particular de “situação social”.

Enquanto a natureza da posição de classe pode ser explicada em termos de condições econômicas e sociais, a situação etária é determinada pelo modo como certos padrões de experiência e de pensamento tendem a ser trazidos à existência pelos dados naturais da transição de uma para outra geração. Ou seja, muitas vezes, determinadas experiências são sofridas por indivíduos de uma mesma geração e a mesma afeta suas respectivas vidas, tais experiências não são transmitidas ou vivenciadas por outros indivíduos de outras gerações. Isto significa que, o trauma que uma geração vivencia, pode ser compartilhada pelos indivíduos que pertencem a esta geração, todavia, tal trauma não vai necessariamente ser transmitido para seus descendentes.

Para Mannheim (1982) uma geração não é apenas um grupo de pessoas que nasceram na mesma época, mas que compartilham uma situação semelhante, neste sentido existem aquilo que o autor chama de unidades geracionais. Para Mannheim só porque os indivíduos estão em uma mesma classe social, não significa que vão agir de forma similar, ou seja, um mesmo grupo de pessoas de uma determinada faixa etária não vai se assemelhar em uma determinada situação simplesmente por terem a mesma idade. O que pode vir a ser análogo é a ação realizada nas unidades geracionais. Para isso, Mannheim conjectura a ideia de que o posicionamento das unidades geracionais será a forma – ao menos em termos analíticos – de agir dos indivíduos de uma geração. Portanto, idade é uma coisa, geração é outra, para esta há certas experiências em comum que os indivíduos compartilham, fazendo com que sejam membros de uma mesma geração. Ou seja, todos indivíduos terem 36 anos não os caracteriza como uma geração, mas terem passado por uma experiência em comum é que os designam como uma



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

geração. Como por exemplo, o *maio de 68*<sup>2</sup>, tal evento atribuiu um sentido para jovens que não tinham contato entre si, eles compartilharam um sentimento e um sentido normativo para suas ações sociais, fazendo a geração compartilhar este sentimento em comum mesmo estando em espaços geográficos distintos e pertencerem a classes sociais distintas. Outro exemplo é o dos judeus de nacionalidades diversas em suas experiências nos campos de concentração nazistas, eram indivíduos de classes e nacionalidades distintas, mas tal experiência fez com que eles compartilhassem um sentimento em comum, no caso uma tragédia, e este sentimento ocasionou uma ação normativa nesta unidade geracional.

Norbert Elias no subcapítulo final do terceiro capítulo de seu livro *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* (1997), apresenta-nos um caso em que as diferenças geracionais manifestam-se em forma de conflito. O autor aborda a questão da geração dos filhos dos alemães que vivenciaram o período nazista e a *Segunda Guerra Mundial* e sua relação para com os seus pais. Houve entre esses pais e filhos um forte conflito geracional, visto que os pais – aqueles que viveram o período nazista – queriam esquecer do passado, já seus filhos, pelo contrário, queriam confrontá-lo. Muitos destes jovens que queriam combater o passado nazista, acabaram voltando-se para o pensamento marxista e uma agenda revolucionária. Elias (1997) relata que neste período houve uma ascensão de movimentos de esquerda e estratégias de combate contra o Estado Nacional alemão. Tal exemplo demonstra como as diferenças geracionais podem se apresentar em determinados contextos. Os conflitos geracionais podem ocasionar mudanças na forma como a memória e a etnicidade de um grupo se apresenta. Frente a isso cabe salientar que no caso alemão, surgiram muitas políticas públicas de memória da *Segunda Guerra Mundial* e do *Holocausto* para que o mesmo não viesse a ocorrer novamente.

As mudanças geracionais também acarretam em ressignificações de símbolos que são considerados como essenciais para a autoidentificação de grupos étnicos. Tais ressignificações dos símbolos que são atribuídos como essenciais, podem ser percebidas

---

<sup>2</sup> O maio de 1968 foi um movimento político na França marcado por greves gerais e ocupações estudantis, tornou-se um marco histórico.



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

no estudo das gerações: com isso, percebe-se o quanto indivíduos de outras gerações assumem diferentes símbolos como essenciais para a autoidentificação deste grupo étnico. Neste sentido, a análise a partir do método da história oral com gerações distintas, pode auxiliar na compreensão das ressignificações que determinados símbolos, em contextos específicos, são considerados como essenciais para a caracterização de pertencimento dos indivíduos de um grupo étnico, e que em outros períodos estes mesmos símbolos são considerados como irrelevantes, como no caso do consumo do chimarrão.

### O consumo do chimarrão entre os teuto-gaúchos

Descreveremos agora a questão do consumo do chimarrão nas regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul. É preciso salientar que a erva-mate foi uma importante cultura agrícola produzida nas colônias de São Leopoldo, Santa Cruz do Sul e Estrela, sendo uma fonte de renda essencial para as regiões (Gerhardt, 2011). No entanto, ela não foi muito consumida em um primeiro momento entre os teuto-brasileiros pois, algumas vezes, era considerada como algo de “brasileiro” – termo utilizado para se diferenciar da população autóctone – que foi posteriormente atribuído como uma característica cultural inerente aos sul-rio-grandenses. Destaca-se que a mudança ocorreu especialmente no período após a Primeira Guerra Mundial.

Pode-se indagar porque geralmente a erva-mate está pouco presente nos textos sobre o processo inicial de imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul (Gerhardt, 2011). Embora houvesse o consumo da erva-mate, ela não era entendida como um símbolo de pertencimento regional. No contexto do início do século XX, o consumo da erva-mate ainda era fortemente associado aos “brasileiros”. A erva-mate pouco aparece na literatura que trata da colonização alemã no Rio Grande do Sul no período inicial. Quando aparece, é brevemente ou de forma pejorativa, como no caso de Jean Roche, em *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Este autor reprova o consumo de chimarrão:



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

É verdade que, independente de qualquer festividade, numerosos colonos adotaram o chimarrão, a infusão de erva-mate tomada na cuia e chupada com o pequeno canudo de prata (bomba), que passa de boca em boca: essa falta de higiene como o amargor da bebida poderiam não ter agradado aos gostos europeus, mas o chimarrão faz agora parte integrante dos costumes teuto-brasileiros, e bem assim a aguardente de cana ou cachaça (Roche, 1969, *Apud* Gerhardt, 2011, p. 76).

A questão que se coloca é a seguinte: o que houve para ocorrer essa mudança, do gradual consumo para se tornar um símbolo de pertencimento? Para a compreensão da assimilação do consumo do chimarrão – prática originária dos povos indígenas – entre os teuto-brasileiros, deve-se destacar um período histórico essencial como ponto de virada, que foi durante a *Era Vargas*, mais especificamente a época do *Estado Novo* (1937-1945) e a *Campanha de Nacionalização* que iniciou em 1938. Neste período os imigrantes alemães, assim como japoneses e italianos, vieram a constituir-se como a antítese de uma *brasilidade* que buscavam construir. Nesta circunstância, certas medidas repressivas foram tomadas pelo Estado Nacional (Fáveri, 2006), como a proibição do uso da língua materna publicamente. A *Campanha de Nacionalização* foi uma política do governo que buscava a assimilação forçada das colônias de imigrantes que permaneciam em “quistos étnicos”, termo utilizado na época por intelectuais, militares e políticos que produziam a *Revista de Imigração e Colonização*. As medidas da *Campanha de Nacionalização* causaram fortes problemas para a população das regiões coloniais visto que era comum que muitos dos descendentes de imigrantes alemães<sup>3</sup>, não falassem o português, com isso, houveram casos de denúncias e prisões temporárias para castigar a “falta de brasilidade”.

Essas ações incentivaram e levaram os grupos estrangeiros a serem repreendidos e recriminados em seus usos e costumes e, no caso alemão, no uso e ensino em língua alemã. Perseguições foram realizadas em nome de um ‘abrasileiramento’ de todos aqueles que eram considerados estrangeiros em solo brasileiro. Alie-se a isto a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A partir de 1942, pressões populares, como passeatas da UNE e de outros segmentos da sociedade brasileira, declararam estado de beligerância contra todos os que eram alemães ou descendentes dos mesmos (Marlow, 2007, p. 63).

---

<sup>3</sup> Assim como japoneses e italianos, ou seja, os países do Eixo.





## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

Na Era Vargas surgiu o discurso que desqualificava os imigrantes não-assimilados como sendo “alienígenas” e que os mesmos seriam uma ameaça à unidade do Estado-Nação. Ou seja, se na segunda metade do século XIX havia o discurso de branqueamento da população brasileira, um século depois surgiria o discurso de que eles eram alienígenas justamente porque não haviam se assimilado com a população autóctone, ao menos, na visão dos idealistas da campanha de nacionalização. É importante salientar que nessa época, intelectuais brasileiros estavam engajados juntos com o Estado nacional na produção de um projeto de constituição da ideia de nação brasileira e com isso, a conceitualização do que seria o seu “povo”. Para alguns destes intelectuais, os imigrantes negligenciavam a formação do povo brasileiro, visto que a não-assimilação decorria do fato de que, supostamente, alguns destes “quistos étnicos” não queriam se integrar (Seyferth, 2002) com a sociedade brasileira. Tais intelectuais esperavam a assimilação destes núcleos coloniais para que eles se integrassem com os demais brasileiros constituindo assim a nação brasileira. Tudo que fosse oposto de uma arquitetura, ideal ou cultura luso-brasileira e católica, era malvisto.

Após a *Segunda Guerra Mundial* houve estratégias dos teuto-brasileiros para se inserirem melhor na sociedade brasileira (Gertz, 2015), com isso buscaram dissociar-se da imagem de apoiadores do regime nazifascista. As movimentações foram desde um estímulo para elegerem mais políticos teuto-brasileiros e a assimilação de símbolos culturais que eram tidos como brasileiros. Por serem gaúchos, os símbolos da nação brasileira mais próximos cotidianamente a eles eram os do estado em que viviam, por isso assimilaram ideais “gaúchos”. Neste período surge também a própria construção social, que se encontra no imaginário, do que é ser “gaúcho”. E muitos dos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) começam a ser construídos não só no estado, mas em todo o país e inclusive em outros países.

Isto significa que,

O encontro e a convivência mais prolongada de duas ou mais tradições culturais, de duas ou mais identidades étnicas, de dois ou mais Volkstümer, terminam num processo de mútua aceitação, de uma recíproca troca de traços culturais e, finalmente, numa amálgama que justifica falar-se numa nova identidade étnica. Dependendo das circunstâncias, o processo requererá mais



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

ou menos tempo, experimentará mais ou menos turbulências. Em todo caso, na melhor das hipóteses, não se resolve em uma ou duas gerações apenas. Em linha muito gerais, porém, é possível distinguir três fases nessa dinâmica. Na primeira, continua prevalecendo o perfil original da respectiva identidade. A língua fica mantida como veículo de comunicação, os valores, os hábitos, os costumes, as convicções, a herança de sangue, etc., são preservados. Obviamente as circunstanciais socioculturais do novo meio e até as características de natureza físico-ambiental, vão ocupando um espaço cada vez maior. Um exemplo característico foi a aceitação e a incorporação do hábito de tomar chimarrão, na rotina do dia a dia dos imigrantes alemães no sul do Brasil (Rambo, 2005, p. 207).

Se inicialmente a maior parte dos teuto-brasileiros não consumiam a erva-mate, mesmo com o cultivo realizado para venda. Não consideravam o chimarrão como um símbolo teuto-brasileiro, pelo contrário, era rechaçado como um consumo dos brasileiros. Após as ações da *Campanha de Nacionalização da Era Vargas*, na qual uma forte recriminação caiu sobre os núcleos coloniais, em especial os alemães, japoneses e italianos, e com o término da *Segunda Guerra Mundial*, ainda existia – em alguns setores da sociedade brasileira – um sentimento que estigmatizava os descendentes e as colônias de imigrantes dos países do Eixo. Isso fez com que os teuto-brasileiros buscassem assimilar e exacerbar atributos culturais brasileiros – que já consumiam. Por esses imigrantes serem moradores do Rio Grande do Sul, o elemento cultural brasileiro mais próximo era o sul-rio-grandense. Nesse sentido, os teuto-gaúchos começaram a consumir o chimarrão e gradativamente adotando-o como uma prática simbólica de representação do que é ser teuto-gaúcho. O consumo diário do chimarrão tornou-se então um elemento de sociabilidade e uma prática recorrente nas regiões coloniais no período pós-*Segunda Guerra Mundial*. Neste sentido, se teuto-brasileiros anteriores à *Campanha de Nacionalização* não consumiam o chimarrão, ou os poucos que o consumiam não o consideravam como um atributo simbólico de representação étnica. A geração seguinte, o adotou como uma prática corriqueira e elemento essencial nos espaços de sociabilidade, assim como um símbolo de pertencimento étnico-cultural. Tornando assim recorrente o consumo do chimarrão nas festas étnicas típicas dos teuto-gaúchos.

Com isso o consumo do chimarrão, uma tradição de origem indígena e que era até então tida como algo consumido pelos “brasileiros” – termo utilizado para designar os



## A ressignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

que não são teuto-brasileiros – acabou adentrando na rotina dos teuto-gaúchos, passando a ser consumida e, principalmente, a ser transmitido entre gerações como um símbolo de pertencimento, com isso, ressignificado como um atributo regional da teuto-brasilidade gaúcha.

### Referências

Assmann, Jan & Czaplicka, John. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, 125-133, 1995.

Elias, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

Fáveri, Marlene de. A repressão no Governo Vargas e as medidas coercitivas aos simpatizantes do eixo durante a Segunda Guerra Mundial. **Cena internacional**, v. 8, n. 2, 2006.

Gerhardt, Marcos. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. **Esboços**, v. 18, n. 25, p. 73-95, 2011.

Gertz, René Ernaini. Descendentes de alemães no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *In*: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: **Anais do XXVIII SNH/ANPUH**, 2015.

Giesen, Bernhard & Junge, Kay. Historical memory. *In*: Delanty, Gerard; Isin, Engin F. (Org.) **Handbook of Historical Sociology**. Londres: Sage, 2003.

Mannheim, Karl. O problema sociológico das gerações. *In*: Foracchi, Marialice M. (Org.) **Karl Mannheim**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

Marlow, Sergio Luiz. Igreja luterana – Sínodo de Missouri: uma igreja de imigrantes no cenário estadonovista. **Reflexus**, v. 1, n. 1, 2007.

Pollak, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

Rambo, Arthur B. Teuto-argentino, teuto-brasileiro, teuto-chileno: identidades em debate. **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, ano XXXI, n. 1, p. 201-222, jun, 2005.

Seyferth, Giralda. Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no Sul do Brasil. **MÉTIS: História & Cultura**. v. 11, n. 22, p. 13-39, 2012.



## A resignificação do Consumo do Chimarrão entre a população teuto-brasileira

Fernando Diehl

Seyferth, Giralda. A ideia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. **Horizontes antropológicos**, n. 22, p. 149-197, 2004.

Seyferth, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, n. 53, p. 117-149, 2002.

Simmel, Georg. **Questões fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Weber, Max. **Economia e Sociedade**: Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.